



IGREJAS CRISTÃS SE DEBRUÇAM SOBRE A TEORIA DE SACRISTÁN: ESCOLAS BÍBLICAS – ONTEM E HOJE¹

Christian churches deal with the theory of Sacristán: Biblical Schools – yesterday and today

Laude Erandi Brandenburg²

Fernando Batista de Campos³

Pablo Rangel Cardoso da Costa Souza⁴

Resumo:

Esse artigo visa analisar possíveis contribuições da teoria de Gimeno Sacristán, um estudioso da área do ensino e do currículo, para a organização da escola bíblica nas igrejas. Serão abordados três aspectos: o surgimento da escola bíblica dominical, a teoria de Sacristán em diálogo com a proposta de ensino da Igreja e um convite para uma aprendizagem significativa para o povo cristão. A escola bíblica dominical é uma invenção cristã. Ela foi idealizada como uma atividade para ensinar crianças a ler e a escrever. Nesse caso, a Bíblia foi usada como um instrumento para ajudar na formação educacional e moral. Ao passar dos tempos, o Estado assumiu a tarefa de alfabetizar e a Igreja *voltou* a ensinar apenas a Bíblia. Sacristán mostra que a aproximação das teorias com as realidades pode gerar caminhos para o alcance do ensino e da aprendizagem. O centro de suas ideias é a aprendizagem significativa. Descobriu-se, por meio da pesquisa bibliográfica, entre outros aspectos, que este autor pode contribuir para uma proposta de ensino e aprendizagem significativa para as igrejas cristãs.

Palavras-chave: Escola Bíblica Dominical. Igreja e Currículo. Aprendizagem.

Abstract:

This article aims to analyze possible contributions of Sacristán's theory to the organization of the Bible school in churches. Three aspects will be addressed: the emergence of the Sunday Bible school, the Sacristán theory in dialogue with the Church's teaching proposal and an invitation for meaningful learning for the Christian people. The Sunday Bible school is a Christian invention. It was conceived as an activity to teach children to read and write. In this case, the Bible was used as an instrument to assist in educational and moral training. As time passed, the State took on the task of literacy and the Church returned to teaching only the Bible. Sacristán shows that the approximation of theories to realities are ways to reach teaching and learning. The center of his ideas is meaningful learning. It was discovered, among other aspects, this author contribute to a teaching and learning proposal for Christian churches.

Keywords: Sunday Bible School. Church and curriculum. Learning.

¹ Enviado em: 13.08.2022. Aceito em: 30.06.2023.

² E-mail: laude@est.edu.br.

³ E-mail: epiclese@hotmail.com.

⁴ E-mail: umanovaideia@gmail.com.

Introdução

Analisaremos aspectos da escola bíblica de igrejas cristãs no Brasil na perspectiva da teoria de José Gimeno Sacristán sobre o ensino. Trata-se de um estudioso da área do currículo escolar, mas, que pode inspirar a reflexão sobre a ação eclesial na área educativa. A obra *Compreender e transformar o ensino*, especialmente em seu capítulo 6, fala sobre os conteúdos do ensino e sua prática, e, portanto, norteia a análise feita neste artigo. Pode-se dizer que Sacristán é levado à Igreja e que a igreja pode se debruçar sobre a sua base teórica

Diferentes teorias educacionais podem oferecer possibilidades de práxis educativas atualizadas e pertinentes. Dessa forma, o artigo trata de cotejar as práticas de ensino em igrejas cristãs com a teoria pedagógica de Gimeno Sacristán. Inicialmente é feita uma contextualização da escola bíblica dominical, seu surgimento para, então, analisar algumas ideias centrais da teoria aplicadas ao trabalho educativo da escola bíblica dominical ou congêneres.

A Escola Bíblica Dominical

A escola bíblica dominical é notoriamente conhecida entre igrejas cristãs, principalmente de cunho protestante. O questionamento inicial está no termo “escola bíblica” e se ainda é apropriado para uma Igreja na pós-modernidade. Num mundo onde as teorias de ensino sempre estão em aperfeiçoamento, à Igreja cabe a decisão sobre as teorias orientadoras de sua prática educativa. A visão de Sacristán pode servir de referência para uma proposta curricular de ensino em um ambiente plural como o meio cristão.

O Surgimento da Escola Bíblica Dominical

As Escolas Bíblicas Dominicais (EBD) ministradas pelas igrejas cristãs, principalmente de cunho protestante, no Brasil, como hoje existem, não começaram com um caráter doutrinariamente bíblico. Em 1780, a Inglaterra estava em pleno processo de Revolução industrial. Esse movimento trouxe uma série de transformações socioeconômicas que atingiram a todas as classes sociais⁵. Em Gloucester, não muito distante de Londres, havia uma fábrica de alfinetes que empregava crianças para o fomento destes objetos. Elas trabalhavam de segunda a sábado por 12 horas⁶. No domingo, elas ficavam à própria sorte e se envolviam em brincadeiras nas ruas e até em brigas.

O jornalista, Robert Raikes, visitando uma dessas ruas de Gloucester, percebeu que essas crianças estavam se encaminhando para as mesmas desgraças dos adultos⁷. As penitenciárias eram desumanas, a criminalidade só crescia, o analfabetismo era geral, ou seja, a sociedade em Gloucester estava um caos. Raikes teve uma ideia que iluminou a Inglaterra. O projeto deu tão certo que, a princípio, ele reuniu em torno de cem crianças aos domingos para alfabetizá-las. Quatro

⁵ Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/voce-sabe-como-surgiu-a-escola-dominical.html>
Acesso em: 26 abr. 2019.

⁶ Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/ComoSurgiuEscolaBiblicaDominical.htm>
Acesso em: 13 mai. 2019.

⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical#Robert_Raikes_e_o_movimento_Escola_Dominical
Acesso em: 26 abr. 2019.

professoras foram contratadas para ensinar matemática, história e inglês. Uma delas em especial era a senhora Meredith.

A Sra. Meredith não podia dar conta daquilo. Atendendo ao pedido gentil de um editor de jornais chamado Robert Raikes, ela recebeu um grupo de crianças de rua na cozinha de sua casa em Sooty Alley. Ele inclusive pagava àquela mulher um xelim por domingo para que ensinasse crianças maltrapilhas a ler e a recitar versículos da Bíblia. Entretanto, aquelas crianças eram extremamente difíceis. Engaioladas nos moinhos úmidos de Gloucester, Inglaterra, durante seis dias por semana, elas só tinham o domingo para se divertir, o dia em que se comportavam como pequenos vândalos. Os fazendeiros e os donos de lojas temiam aquelas brincadeiras infantis de mau gosto todos os finais de semana.⁸

As aulas começavam às 10h e terminavam às 14h com uma hora para o almoço. Além disso, com o intuito de reformar a cidade em seus aspectos morais, Raikes com a ajuda do Reverendo Thomas Stock, Ministro Anglicano, ensinava a Bíblia para as crianças até às 17h30. Esse movimento ocorreu por três anos sem a ajuda das igrejas. Raikes providenciava tudo o que era necessário para essas crianças⁹ – do lápis ao corte de cabelo. As crianças atendidas por ele eram de idade entre sete e quatorze anos. Essa escola dominical foi tão influente na sociedade de Gloucester que em 1784 já eram mais de 250 mil crianças matriculadas¹⁰. Com essa expansão toda, foi percebido que 1792, em Gloucester não houve um só crime julgado pela comarca da cidade.

Logo após a publicação de sua ideia em seu jornal, em 1783, pessoas cristãs adotaram os mesmos princípios de Raikes. Entretanto, houve resistência por parte de alguns líderes religiosos que chegaram ao ponto de pedir ao parlamento inglês que decretasse o encerramento desse movimento. A justificativa era que “isso era contra o dia do Senhor”, mas, o parlamento não atendeu. Em 1811, Robert Raikes faleceu¹¹. Todavia, o movimento de escolas dominicais seguia vivo. Portanto, após o início na Inglaterra, esse movimento de escola dominical foi se espalhando pelos Estados Unidos, chegando ao Brasil. No século XX, várias igrejas se uniram para espalhar essa estrutura de uma forma mais abrangente. Elas começaram a alfabetizar pessoas adultas também. A Bíblia, nesse caso, foi um instrumento de apoio duplamente qualificado: Primeiro, porque servia como instrumento de alfabetização; e segundo, servia de instrução em *como* devia se comportar a pessoa cristã na sociedade. A resposta não deveria ser outra. Houve melhorias na própria estrutura econômica e social ao passar dos anos.

Em decorrência, o Estado foi assumindo uma postura alfabetizadora. Escolas públicas foram criadas para então ensinar às pessoas que não possuíam condições de pagar pelo ensino regular¹². Nesse sentido, a Igreja foi *perdendo* uma das suas funções, logo, ela se dedicou com mais entusiasmo ao ensino regular da Bíblia. Como já era de costume ensinar as crianças e as pessoas

⁸ Disponível em: <https://www.escola-ebd.com.br/1780-robert-raikes-da-inicio-a-escola-dominical/> Acesso em: 26 abr. 2019.

⁹ Disponível em: <https://www.escola-ebd.com.br/1780-robert-raikes-da-inicio-a-escola-dominical/> Acesso em: 26 abr. 2019.

¹⁰ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical#Robert_Raikes_e_o_movimento_Escola_Dominical Acesso em: 26 abr. 2019.

¹¹ Disponível em: <https://pt.slideshare.net/FernandoGiorgetti/robert-raikes-o-fundador-da-ebd> Acesso em: 26 abr. 2019.

¹² Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politicas-sociais/a-historia-do-nascimento-da-educacao-publica/> Acesso em: 27 abr. 2019.

adultas aos domingos, então, o termo *escola dominical* continuou, mas com o acréscimo da palavra *bíblica*, portanto, escola bíblica dominical.

No Brasil, há uma indicação de que a primeira escola bíblica dominical aconteceu em 1855, no Rio de Janeiro, no dia 19 de agosto, Robert Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley foram missionários escoceses enviados para a cidade de Petrópolis¹³. Em sua casa, começaram a ensinar a Bíblia para as crianças. Hoje, existe uma escola na antiga residência dos Kalley, mas o memorial está lá para lembrar sobre uma sólida e básica educação que acontecia naquele lugar.

De 1855 até 1911 o trabalho das Escolas Dominicais dependia em grande parte da iniciativa particular das igrejas locais. Em 1911, foi organizada a União de Escolas Dominicais do Brasil. Foi o primeiro esforço para arregimentar os elementos que se interessavam na instrução religiosa por meio das Escolas Dominicais. Em 1928, a União de Escolas Dominicais foi transformada em organismo oficial das igrejas evangélicas com o nome de Conselho Nacional Evangélico de Educação Religiosa. Em 1931, passou a chamar-se Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil. Em 1934, o Conselho foi incorporado à Confederação Evangélica do Brasil, que era o órgão representativo das igrejas congregacionais e cristãs, episcopal, metodista, presbiteriana e presbiteriana independente.¹⁴

No século XXI, temos igrejas espalhadas pelo mundo inteiro trabalhando para que as instruções da Bíblia sejam recepcionadas por pessoas cristãs e não cristãs. Cada denominação tem o seu dia de ensinar a Bíblia e o seu material de apoio que concorre para as defesas de suas religiosidades. A tradição comum – desse ensino regular – nos dias determinados pelas organizações cristãs são definidas pelas suas lideranças. Umam entendem que podem se reunir aos domingos pela manhã para ensinar a Bíblia. Outras ensinam a Bíblia numa quarta-feira, por exemplo. Nesse caso, o termo dominical não se encaixaria, mas a proposta é a mesma, ou seja, uma escola bíblica.

Na Igreja Católica Apostólica Romana, o termo escola dominical não é utilizado, mas, sim, o termo catequese. Esse termo é comum na formação dos e das fiéis da pastoral da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), geralmente significando o período de formação voltado aos sacramentos, especialmente à Primeira Eucaristia e à Confirmação. A referência ao catolicismo se justifica por se tratar de forma análoga à escola bíblica dominical de ensino bíblico-cristão.

No entanto, o estudo dos documentos da ICAR e em especial do Diretório Geral para a Catequese e o Diretório Nacional de Catequese, esclarece que o seu significado é bem mais amplo. Assim, pode-se identificar a Catequese como: processo permanente de educação na fé que se realiza em primeiro lugar na família, com o apoio da comunidade cristã que assume sua missão fundamental de lançar os alicerces sobre os quais a fé se sustentará.

A catequese das crianças, dos jovens e dos adultos, nesses anos, deu origem a uma tipologia de cristão verdadeiramente consciente de sua fé [...]. De fato, favoreceu neles: – uma nova experiência vital de Deus, como Pai misericordioso; – uma redescoberta mais profunda de Jesus Cristo, não apenas na sua divindade, mas também na sua verdadeira humanidade; –

¹³ Disponível em: <https://www.sibgoiania.org/escola-biblica-dominical-chega-ao-brasil/> Acesso em: 26 abr. 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.sibgoiania.org/escola-biblica-dominical-chega-ao-brasil/> Acesso em: 26 abr. 2019.

o sentir-se, todos, corresponsáveis pela missão da Igreja no mundo; – a tomada de consciência das exigências sociais da fé.¹⁵

A catequese só se realiza pela imersão na pregação de Jesus, através do amor, do acolhimento, da esperança, da compaixão. Essa imersão se dá em primeiro lugar pelo testemunho de vida das pessoas que se dedicam a catequizar. A partir desse Testemunho, segue o anúncio e finalmente se completa com a experiência da presença e do amor de Deus.

O objetivo primordial da catequese na ICAR é levar ao amadurecimento da Fé, que se processa ao longo da vida em distintas etapas, respeitando o tempo necessário a cada qual, e dando autonomia às pessoas para que possam compreender por si mesmas qual o caminho a seguir para que se tornem verdadeiras discípulas de Jesus, construtoras do Reino de Deus.¹⁶

Nesse sentido, um objetivo comum tanto das igrejas evangélicas como da igreja Católica Romana é formar uma consciência crítica sobre a sua fé voltada para os interesses sociais. Toda tentativa de um ‘currículo’, ou seja, a abordagem dos conteúdos da fé, está orientada sob e para alguma necessidade e teológica ou social. Teológica porque as lideranças leigas e religiosas querem formar uma mentalidade sobre Deus e Sua vontade a partir da Bíblia. Social porque o comportamento está diretamente ligado à noção de moralidade, de convivência e comportamento ético.

Algumas igrejas procuram fomentar uma aprendizagem que possa ser significativa à sua realidade. Outras, apenas têm de cumprir um cronograma de atividades prescrito para um programa geral.

A Teoria de José Gimeno Sacristán aplicada ao Ensino da Igreja

Destacam-se alguns aspectos da teoria de Sacristán como pertinentes à reflexão sobre o ensino nas igrejas: O conceito elástico de currículo em que conteúdos e formas de ensinar formam um conjunto harmônico a serviço da aprendizagem; Abordagem de um conteúdo significativo para a realidade; Currículo como possibilidade de reconstrução crítica do conhecimento; Relação currículo e cultura; Atividades de ensino e aprendizagem e não mera transmissão de conteúdos; Os conteúdos da aprendizagem estão à mercê de um processo de escolha e seleção; Ênfase não só nos conteúdos, mas também nas formas de interação.

Nesse caso, as ideias de Sacristán sobre a significação do conteúdo no processo de ensino podem ajudar a buscar uma abordagem de ensino que objetiva levar à uma aprendizagem significativa. Ou seja, um currículo que possa transformar a pessoa cristã em agente que dialoga com a sua situação a partir do ensino adquirido. Mas “o problema de definir o que é conteúdo do ensino e como chegar a decidi-lo é um dos aspectos mais conflituosos da história do pensamento educativo e da prática de ensino, condição que se reflete nos mais diversos enfoques, perspectivas e opções”.¹⁷

¹⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório Geral para a catequese. Vaticano. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 16 abr. 2019.

¹⁶ CNBB. *Diretório Nacional para a Catequese*. Documento 84. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 27-30.

¹⁷ SACRISTÁN, José Gimeno; PÉRES, Angel. I. Gómez. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 149.

A teoria de Sacristán ajuda a organizar um currículo que pode levar a uma aprendizagem significativa na fé cristã. O currículo pode fornecer uma visão sobre a cultura que se quer manter ou modelar para um determinado fim. Ele serve para provoca a interação entre as ideias e as práticas que a instituição ou o organismo quer trabalhar.¹⁸ Sacristán diz que as funções sociais da escola podem levar a uma reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. A pessoa cristã que é confrontada com o conteúdo da fé é convidada a potencializar o seu conhecimento e aplicá-lo a uma nova experiência. Uma postura conservadora pode levar a uma mera reprodução sociocultural, o que não se despreza, mas um ensino que desafia a pessoa cristã a pensar sobre a sua participação no mundo pode incentivar a uma aprendizagem significativa a partir da Bíblia.

A Igreja tem o seu papel de instruir as pessoas cristãs sobre uma rede de conhecimento do mundo cristão. Logo, é necessário manter uma postura dinâmica e de autoavaliação crítica. Nessa postura, a Igreja se incorpora no mundo cristão e as pessoas cristãs no mundo da Igreja. Há, portanto, uma inter-relação entre teoria e prática, ou seja, uma interação de pertença e pertencimento. Neste envolvimento, há uma perspectiva de propor conhecimento e se permitir ser avaliado; entender o caminho para a aprendizagem para que o ensino seja significativo.

A Igreja é composta de pessoas cristãs das mais diversas camadas sociais. Há pessoas cristãs com muito ou pouco grau acadêmico, ricas ou pobres, escolarizadas ou não, mas todas são Igreja. Essa tensão leva os líderes das igrejas a pensar num currículo que possa encontrá-las nas suas necessidades espirituais e materiais. Nesse caso a função da Igreja é educar o povo cristão para a vida e além dela. Pois a Igreja tem o seu papel social, portanto, “ensinar e difundir a doutrina social pertence à sua missão evangelizadora e faz parte essencial da mensagem cristã, porque essa doutrina propõe as suas conseqüências diretas na vida da sociedade e enquadra o trabalho diário e as lutas pela justiça no testemunho de Cristo Salvador”.¹⁹

Cada Igreja em específico constrói ao longo dos anos suas propostas de educação religiosa. Muitas vezes essas propostas foram sendo adequadas de acordo com o público-alvo de seu ensino, mas hoje – reproduzindo a fala de Sacristán - entender as correntes de ensino e aplicar a melhor que se adapte ao público que está num processo de construção de conhecimento, torna-se fator essencial. Assim, as teorias de aprendizagem podem contribuir para a compreensão do ensino na Igreja.

Entre essas teorias de ensino e aprendizagem, há também uma proposta sociológica que fomenta determinada cultura na sociedade. As pessoas cristãs vivem na sociedade permeada de igrejas que procuram propor uma mudança significativa na realidade, entretanto, algumas igrejas não estão numa cultura pedagógica de ensino e aprendizagem, mas de mera transmissão de doutrinas e dogmas. Ou seja, entendem que pelo simples fato de *ensinar* levarão as pessoas cristãs à *aprendizagem*. A questão é que a *aprendizagem* é um processo que é desenvolvido pelo ensino dialógico.

¹⁸ SACRISTÁN; PÉREZ, 1998, p. 148.

¹⁹ Disponível em:
http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_c ompendio-dott-soc_po.html#_ftnref89. Acesso em: 26 abr. 2019.

Cada pessoa tem o seu tempo e o seu jeito de *aprender* o que foi *ensinado*. Não se pode pensar que a aprendizagem aconteça *automaticamente* com o ensino, ou seja, o ensino não garante, a princípio, a aprendizagem. O desenvolvimento de uma (re)construção da aprendizagem podem trazer significados que transformam um modelo de ensino para modelar não só o ensino da Igreja, mas a sociedade. Nesse sentido, sobre a escola, diz que

o currículo como seleção de cultura serve a uma sociedade ou a uma visão de como esta deverá ser esta e é determinado por um processo social no qual agem condicionamentos econômicos, políticos, pressões de grupos de especialistas e algumas ideias sobre o valor de tal seção para o desenvolvimento individual e da coletividade humana.²⁰

Da mesma forma, a seleção do que se ensina na igreja também está determinado pelas doutrinas, princípios ou até mesmo pelas lideranças eclesiais. Nesse sentido, há lideranças de igrejas cristãs percebendo que o conceito de ensino tradicional não é mais tão eficaz como antigamente. Os conceitos contemporâneos de educação já não estimulam mais essa abordagem de mera transmissão e imposição de ideias sobre o mundo e sobre os caminhos da fé. As igrejas têm diante de si o desafio de propor espaços para o diálogo entre os e as fiéis para ampliar o conhecimento de uma forma dinâmica e plural. Conhecimento, nesse sentido, é saber socializar o seu pensamento e deixar que o debate aconteça numa negociação de realidade compartilhada. Essa realidade potencializa o conhecimento de culturas, identidades e teologias.

Afirma Sacristán, “geralmente, os conteúdos, por vias diversas, são moldados, decididos, selecionados e ordenados fora da instituição escolar, das aulas, das escolas e à margem dos professores/as.”²¹ O que pode levar a um descomprometimento com a aprendizagem. Da mesma forma, os princípios, doutrinas, conteúdos da fé decididos e selecionados fora do contexto eclesial local pode não levar a um compromisso ou à aprendizagem. As pessoas cristãs aprendem quando passam a desenvolver um pensamento próprio sobre a sua fé. Essa experiência estimula cada pessoa em processo de aprendizagem na fé a vivenciar um currículo vivo. Logo, a igreja tem esse papel complexo de facilitar a aprendizagem específica no contexto de uma comunidade localizada e, em consequência proporciona um ambiente pedagogicamente acolhedor.

A Igreja que se preocupa com o ensino e a aprendizagem estimula a participação das pessoas cristãs nas estruturas do conhecimento curricular, pois os interesses e desejos estão interagindo nesse processo educacional. A igreja, nesse sentido, discute com os e as fiéis e organiza o currículo para demonstrar participação mútua no conhecimento. Ela não só conhece a teologia que defende, mas, a vida de quem a ela pertence. Essa ciência proporciona um enriquecimento compartilhado.

Nessa identificação de ensino e aprendizagem, a Igreja tem a capacidade de guardar para as próximas gerações o seu conteúdo, pois a garantia desse desejo está no respeito ao autodesenvolvimento da fé. O povo cristão processa as informações teológicas e repassa em modo dialético aos seus pares. Eles e elas, por sua vez, transformam o conhecimento em saberes. Logo, essa dialética se dá no relacionamento com a vida da comunidade em experiências afetivas e intelectuais. Essas são influências que transformam e reformam o ensino em aprendizagem. Sacristán propõe relações pedagógicas com menor foco nos conteúdos e maior “valor das relações

²⁰ SACRISTÁN; PÉREZ, 1998, p. 155.

²¹ SACRISTÁN; PÉREZ, 1998, p. 121.

sociais adequadas para o desenvolvimento da personalidade, a importância de criar um clima no qual o autodesenvolvimento fosse possível”.²²

O alvo do ensino e da aprendizagem é alcançar uma atuação múltipla e, ao mesmo, tempo direcionada. A Igreja, nessa atmosfera, é resultado de criações e transformações de significados para a vida em comunidade que se destaca na sociedade pós-moderna. A direção que a Igreja dá, nesse caso, é de interpretar o conhecimento bíblico em uma dimensão contemporânea, educativa e, especialmente, bíblica.

As igrejas são um espaço de expressões de fenômenos sociais e educativos. Elas, reconhecendo essas estruturas, podem pensar e agir como instrumento de humanização, fomentando fenômenos bíblicos que auxiliem na formação das próximas gerações. Essa intencionalidade visa transformar e aperfeiçoar a teoria na prática a partir da Bíblia. As igrejas, nessa concepção, alimentam os fenômenos sociais e educacionais para a organização de um currículo que se adeque à perspectiva da comunidade local para a sociedade plural. Em decorrência, o ensino seria visto “como prática, na qual esses componentes do currículo são transformados e o seu significado real torna-se concreto para o aluno/a”, para quem está no processo de aprender.²³

A Igreja tem sua linguagem própria e cotidiana desenvolvida a partir da experiência das pessoas cristãs. Essa linguagem é retirada da Bíblia sob os ecos de uma abordagem paulina – por exemplo: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7). Mas, ela é aplicada à vida com as devidas adaptações e reconhecimentos de fala. O cotidiano dessa fala pode vir de uma maneira o povo cristão interpreta o conteúdo por meio das interações entre o que *era* para o que é *hoje*. Assim, o ensino e a aprendizagem nascem e prosperam. Este nascimento é acompanhado por pressupostos e valores já instalados numa sociedade influenciada por uma teologia cristã. Esse contexto bíblico influencia e estimula as mensagens e os conteúdos que estão dispostos nas igrejas. Diante disso, elas têm essa tarefa complexa de demonstrar um currículo que aspira a uma teologia educativa em sentido dialógico.

A Igreja possui um currículo de ensino que engloba a apresentação do evangelho, conteúdo principal da fé. Nessa proposta, supõe-se que as igrejas estão preocupadas em determinar os níveis de ensino às pessoas cristãs. Elas, portanto, escolhem o veículo de comunicação e qual a etapa ou fases do conteúdo do evangelho irá apresentar aos e às fiéis. Esse conteúdo pode progredir à medida que os comportamentos e as atitudes forem dialogando com o conhecimento que é ensinado. Assim, o povo cristão pode adquirir o conhecimento e traduzi-lo para a sua realidade. No que se refere ao currículo, propriamente dito, ele deve abranger uma diversidade cultural, pois a nossa sociedade é complexa e diferente quanto às oportunidades. O acesso ao conhecimento pode ser de modo simples para alcançar a todas as pessoas que se encontram abrigados na Igreja, pois “o currículo regula não apenas os conteúdos que se lecionam, mas também os distribui socialmente”²⁴.

As igrejas, normalmente, fazem um calendário de atividades que costuma ser anual. Há igrejas que trabalham um plano de atividades para dois anos ou cinco anos – por exemplo. Mas se esses projetos não estiverem ligados por uma intencionalidade funcional, então o currículo estará

²² SACRISTÁN; PÉREZ, 1998, p. 120-121.

²³ SACRISTÁN; PÉREZ, 1988, 123.

²⁴ SACRISTÁN; PÉREZ, 1988, p. 156.

em desarmonia com as possibilidades de aprendizagem. Por isso, planejar o currículo de acordo com as diversas atividades e pessoas é essencial para alcançar uma proposta de ensino que faça acontecer a aprendizagem.

O ensino requer uma intencionalidade pedagógica. Caso essa intencionalidade não exista, os conteúdos ministrados não gerarão aprendizagem. É fundamental sentar e planejar o currículo de acordo com as necessidades e realidades da comunidade para que haja uma harmonia entre o que se quer fazer e onde se pretende chegar. Nesse processo, alguns assuntos podem ficar de fora ou realidades poderão não ser contempladas, mas é por meio da elaboração de um currículo moldado para uma realidade que a intencionalidade se mostrará. Ou seja, ele poderá ser moldado no percurso do tempo. Isso não engessa a ação da igreja em suas intenções bíblicas. Suas decisões estão previstas, mas não amarradas em ações prescritas. Seu currículo é dirigido, mas, ao mesmo tempo, flexível para se repensar e planejar novamente para uma realidade factual.

O currículo, então, é orientado por meio dos processos que vão acontecendo ao longo do tempo de aprendizagem. Isto é, há um planejamento previsto, mas ele está dirigido para o crescimento saudável dos e das fiéis. Isso é possível porque há um diálogo entre os que participam deste processo. Portanto, o planejamento curricular é uma atividade móvel que pode ser usada para reorientar os conteúdos da fé e da própria abordagem sobre o desenvolvimento das pessoas da igreja. O que acontece é uma retroalimentação de avaliação de conteúdo e de aprendizagem do ensino bíblico por parte dos e das fiéis. “A alternativa é uma perspectiva *reflexiva* que entende que o conhecimento admitido no currículo como legítimo deve ser o resultado de um consenso que foi objeto de revisões e de críticas, resultado de uma deliberação democrática constante”²⁵.

As lideranças da igreja, com o currículo em mãos, podem fazer para si e para as pessoas cristãs uma avaliação para facilitar as tomadas de decisões. Essas decisões podem ser na área do ensino, da aprendizagem, da aquisição do conhecimento, das expectativas, dos métodos realizados, das relações entre aqueles e aquelas que ensinam e aprendem, num processo de mutualidade. Isso concorre para o que o autor chama de processo de ensino e aprendizagem, pois as avaliações, nesse sentido, podem se dar de forma integrada, holística, globalizada e contínua. Entretanto, para que essa avaliação seja coerente é preciso que a igreja local invista na formação de professores, professoras e líderes. Essa formação continuada deve ser dialógica e paralela com a vida das pessoas cristãs. Essas condutas podem definir e provocar o conhecimento ao povo cristão. Esse, por sua vez, poderá ser transformado em sua vida para uma teologia bíblica que fluirá para as próximas gerações em culturas diferentes.

Gimeno Sacristán, em sua teoria, procura desenvolver diversos olhares sobre a mesma perspectiva. Com isso, ele considera conceitos sociais que, por sinal, também podem ser significativos para a Igreja. Ela, em sua multiforme categoria, está disposta a ensinar para formar pessoas mais humanas à imagem de Deus. O assunto é complexo, mas, entende-se que pode ajudar a Igreja a redesenhar o ensino e a aprendizagem em seus métodos e abordagens cristãs.

A Teoria de Sacristán dentro da Igreja

O autor mostra-nos que o ensino e a aprendizagem de forma intencional e adaptada pode ser um processo possível também na Igreja. Ele diz que “este debate penetra não apenas na

²⁵ SACRISTÁN; PÉREZ, 1988, p. 157.

orientação, na seleção e na ponderação dos conteúdos, mas também numa depuração de métodos pedagógicos a serviço do que se vê como mais útil, como difundem ou reforçam outras mensagens ideológicas ocultas”²⁶. No entanto, precisa se selecionar e organizar um conteúdo que converse com o seu público, ou seja, pressupõe-se um diálogo entre os e as fiéis e a igreja. Desse jeito, o ensino pode encontrar abrigo não só na mente, mas nas ações que estão no tempo e no espaço. São elas que dizem, sem palavras, se o currículo da igreja está sendo alcançado pelo povo cristão. Se a sociedade está em desordem, provavelmente, a Igreja está com um currículo desarmônico com a realidade social. A sociedade é o espelho da Igreja – salvo as devidas proporções e a igreja é o espelho da sociedade.

O currículo das igrejas voltado para as necessidades do povo cristão está inserido numa rede de relacionamentos de dramas e tramas políticos, sociais, econômicos e religiosos. A forma de valorização dos e das fiéis no comprometimento da constituição do currículo pode distribuir participação às pessoas envolvidas. Ou seja, não há competitividade entre participantes, mas colaboração no ensino e na aprendizagem. Assim, a seleção dos conteúdos e a organização do currículo ficam incorporados na membresia que pertence à igreja e a igreja como instituição é a comunidade dos e das fiéis.

A colaboração existe por causa das relações sociais que se dá pela fé. A aplicação e a reprodução dos conhecimentos bíblicos não ficam reservados a uma pessoa, mas às pessoas que transformam o conteúdo em uma aprendizagem significativa. Esse mecanismo sociológico da fé é um cenário permanente de conflitos e soluções, pois há uma série de rupturas a serem feitas de saberes acomodados para um novo e desconhecido saber. A pessoa líder eclesial, nesse caso, precisa entender que essas trocas de informações não são finais, mas começos para novas relações de rupturas, pois a (des)construção é conquistada a cada encontro, quer na igreja ou fora dela.

O processo de (des)construção acontece, também, num desenvolvimento radical e facilitador. Radical porque a igreja necessita ter uma atenção voltada para a diversidade de raízes históricas entre os e as fiéis. Eles e elas são produtos de uma esfera de processos sociológicos compostos por ícones religiosos de suas mais seletas admirações. Além disso, a (des)construção é reconhecida como um elemento facilitador, pois prepara a pessoa cristã para pensar sobre o seu entendimento bíblico que lhe tem servido de guia.

Esse pensar poderá ser estimulado numa esfera crítica, pois a pessoa cristã é detentora de saberes dos quais, provavelmente, a pessoa que lidera não saiba, principalmente se não houve uma sondagem de realidades e interesses. A partir desse conhecimento do real pode se dar a construção de um currículo dialógico, dinâmico e inovador. Esse diálogo curricular está preocupado em ensinar os e as fiéis com um método participativo mas com os quais nem sempre se identificam. A pessoa que ensina pela Bíblia, nesse sentido, está mais preocupada se os e as fiéis aprenderam do que com o método “a”, “b” ou “c”. O interesse é pela aprendizagem do povo cristão.

A Igreja pode utilizar as teorias de ensino numa forma mista. No final, o que importa é se o cristão e a cristã aprenderam. No modelo de Sacristán, a Igreja não fica apenas interessada na transmissão do conteúdo, mas se realmente os e as fiéis apreenderam *aquela* conteúdo ao ponto de repassar para o significado de vida. Essa transformação é uma relação de conhecimento e de

²⁶ SACRISTÁN; PÉREZ, 1998, p. 162.

vida, ou seja, a aprendizagem foi empreendida a partir de um ensino que respeita a estrutura mental da pessoa cristã.

Aquele conhecimento que a pessoa cristã aprendeu tem que fazer sentido para ela. Essa é a ideia do ensino e aprendizagem. A Igreja ensina o conteúdo bíblico e a pessoa cristã entra em um estado de desequilíbrio teológico, ou seja, uma ruptura. Logo, assimila o assunto, adapta a sua realidade, acomoda nas gavetas da memória e, por fim, entra em equilíbrio com a nova apresentação teológica.

O estágio é cíclico e natural ao aprendizado. Essa aprendizagem significativa é uma reconstrução do pensamento teológico a partir da relação do e da fiel com o mundo. As escolas bíblicas, nesse sentido, são agentes de propagação de uma relação transformadora do ser humano na sociedade, ou seja, esse ensino e aprendizagem não ficam apenas no campo da instituição igreja, mas avança para as diversas áreas da humanidade.

Considerações Finais

No início, a escola dominical, foi instaurada para resolver um problema na sociedade e utilizou a Bíblia como um instrumento gramatical e moral para (re)formar uma comunidade inteira. Ao longo dos anos, a Igreja ficou apenas com o exercício de educação bíblico-moral. Entretanto, é importante que se volte a realizar uma “alfabetização” teológica *às suas crianças* (1 Co 14.20) para que elas possam conduzir o seu aprender da palavra de Deus de uma forma significativa para as suas vidas.

A partir dos conceitos principais das ideias de currículo e de ensino em Sacristán, destacam-se aspectos que o autor pode trazer de contribuição quando a Igreja se debruça sobre os conceitos do autor. A compreensão, portanto, se instaura com o ensino que conserva o significado para uma aprendizagem significativa do texto bíblico. A Igreja ensina ou deve ensinar com habilidades que possam promover à pessoa cristã a uma produção de atuações significativas na sociedade. Se a Igreja ficar apenas na informação de conhecimentos, então não estará exercendo o seu papel que é de tornar-se numa fonte de transformação. Para não ficar apenas na informação é preciso planejar, ou seja, dar forma a um conjunto de atividades e adequá-las à realidade da igreja local.

O próximo passo é a apresentação do plano a ser executado. Ele é o projeto que servirá para guiar até o objeto pretendido. Portanto, para haver uma transformação na igreja, é necessário organizar sua intencionalidade em um projeto. É preciso colocar no papel o que está no campo das ideias. A igreja que quer transformar o ensino em aprendizagem procura conhecer a vida das pessoas cristãs. Isto é, busca se relacionar com os e as fiéis. Não é possível construir um *currículo* significativo, se não houver uma *comunhão* significativa com os membros e simpatizantes da igreja. Isso é importante e necessário porque o currículo é conteúdo e forma de ação. A igreja, assim, buscará saber sobre as crenças e concepções que acompanham as pessoas. Ela precisa conhecer as realidades gerais e específicas, pois os e as fiéis são pessoas que processam informações para se relacionarem com os seus objetivos pessoais.

Crenças e concepções podem se transformar num currículo que traduz a experiência humana em sequência didática. O currículo, então, é a resposta de uma investigação cultural e religiosa dedicada aos cristãos:

- avalia o contexto religioso, político, social, econômico para perceber quais as influências que a Igreja passou.
- produz uma série de estudos bíblicos para desenvolver o pensamento crítico na sociedade em conceitos teológicos que reflitam uma visão cultural sadia.

Existe uma tensão saudável entre o que se deve aprender e o que pode ser deixado de lado, isso seria a seleção curricular da qual fala Sacristán. Em todo o caso, os conteúdos bíblicos precisam trazer um conjunto de habilidades, competências e atitudes para preparar o e a fiel para a sociedade em que ele está inserido, ou seja, a igreja precisa formar um cristão com saberes mínimos sobre a sua fé e prática.

O conhecimento é o saber, é o que aprendemos nas escolas, nas universidades, na vida, em nossa bagagem, nos livros, no trabalho. Sabemos de muitas coisas, mas não utilizamos tudo o que sabemos. A habilidade é o saber fazer, é tudo o que de fato utilizamos dos conhecimentos que detemos em nossos “arquivos” no dia-a-dia. A atitude é o que nos leva a decidir se iremos ou não exercitar nossa habilidade de um determinado conhecimento, ela é o querer fazer.²⁷

Isso pode acontecer quando a igreja fizer conexões com as áreas do convívio comum, pois a fé é uma forma interdisciplinar de conhecimentos e afirmações sobre a pessoa que a Igreja representa: Jesus Cristo, ou seja, currículo é comunhão com Cristo e com a humanidade das pessoas.

Referências

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CNBB. *Documento 84*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 27-30.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório Geral para a catequese. Vaticano. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 16 abr. 2019.

CONHECIMENTO. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/conhecimentos-habilidades-e-atitudes-cha/32057>. Acesso em: 26 abr. 2019.

DOCTRINA SOCIAL. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#_ftnref89. Acesso em: 26 abr. 2019.

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/ComoSurgiuEscolaBiblicaDominical.htm>. Acesso em: 13 mai. 2019.

²⁷ Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/conhecimentos-habilidades-e-atitudes-cha/32057> Acesso em: 26 abr. 2019.

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL CHEGA AO BRASIL. Disponível em: <https://www.sibgoiania.org/escola-biblica-dominical-chega-ao-brasil/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

ESCOLA DOMINICAL. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/voce-sabe-como-surgiu-a-escola-dominical.html>. Acesso em: 26 abr. 2019.

O FUNDADOR DA EBD. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/FernandoGiorgetti/robert-raikes-o-fundador-da-ebd>. Acesso em: 26 abr. 2019.

O MOVIMENTO ESCOLA DOMINICAL. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical#Robert_Raikes_e_o_movimento_Escola_Dominical. Acesso em: 26 abr. 2019.

O NASCIMENTO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politicas-sociais/a-historia-do-nascimento-da-educacao-publica/> Acesso em: 27 abr. 2019.

REIKES, Robert. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical#Robert_Raikes_e_o_movimento_Escola_Dominical. Acesso em: 26 abr. 2019.

REIKES, Robert. O Início da Escola Dominical. Disponível em: <https://www.escola-ebd.com.br/1780-robert-raikes-da-inicio-a-escola-dominical/> Acesso em: 26 abr. 2019.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Angel. I. Pérez. *Compreender e Transformar o Ensino*. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.